

Pelo major Vasco de Carvalho

O Sirdar era o comandante inglês das forças egípcias do Sudão. Era o alto representante da Inglaterra naqueles extensos territórios que os nacionalistas de Zagloul pachá reclamam para o Egito,

[illegible]

Pelo major Vasco de Carvalho

a mudança últimamente sucedida no
nto mais importante e mais prehe-
rra européia.

icional política do Império inglês, de-
eleições, conservarão por muito tem-
ma decisiva influência na marcha do

se terem assenhoreado da Rússia, tira-
uas vistas com demasiada atenção sô-
ção (que era certa) de que bastaria es-
dir com êxito o edifício multi-secular

minho com cuidado e zêlo; um pouco
a ao sôpro pestífero das feras mosco-

er aquêlê país excepcional, onde no
on-rêtes gens se montrent aussi forts
cadeiras do poder como um vômito,
omens de Moscou.

posse das cadeiras do poder, teve de
io da Inglaterra, vital para a existência

idos no Egipto a seguir ao assassina-
o de Londres a dar provas da "nova

das fôrças egípcias do Sudão. Era o
tensos territórios que os nacionalistas

Este crime do Cairo veio pôr de novo no taboleiro o velho problema do Egipto e com êle a questão do canal do Suês. Lembremo-nos todos, com efeito, que já nos últimos dias do governo de Macdonald, Zagloul pachá tinha vindo a Inglaterra tratar destas duas questões — a protecção do canal de Suês e a anexação do Sudão — e que o próprio ministro trabalhista, apesar de influido dos princípios soviéticos, não pôde ceder ao chefe dos nacionalistas egípcios nestes dois pontos que a Inglaterra julga vitais para a existência do seu Império.

A resposta egípcia foi o assassinato do Sirdar. Mas a contra-resposta britânica não se fez esperar: — a retirada de todos os batalhões egípcios do território do Sudão e a aceitação sem reservas, nem condições de um *ultimatum* porventura mais humilhante do que o que a Áustria lançou à Sérvia a quando do crime de Serajevo.

Um desencadeou a guerra europeia *«pela liberdade, pela justiça e pelo direito dos pequenos povos oprimidos»*, mas êste de agora nem mesmo fez gastar uma hora ao parlamento da *«Sociedade das Nações»*, conhecida assembléa de comediantes bem pagos, que por bom preço desempenham a farça de proteger o direito das Nações e de resolver os conflitos internacionais!

Os acontecimentos que agora se desenrolaram no Egipto fazem-nos lembrar os que ali também tiveram lugar em 1882. Então como hoje tratava-se de proteger o Canal de Suês, o que levou a Inglaterra a bombardear Alexandria, a desembarcar um corpo expedicionário e a ocupar o Cairo depois da curta resistência de Arabi pachá em Tel-el-Kebir.

A segurança do Canal, que a Inglaterra tem de assegurar a todo o custo porque por êle comunica com o seu Império da Índia e Extremo-Oriente, pode ainda fazer perigar a independência do Egipto, se os nacionalistas dêste país se lançarem na agitação estéril e no trabalho improficuo de repelir a Inglaterra dêste canal, para ela, tão importante como o do Panamá o é para os Estados-Unidos. Estes resolveram o problema, criando em volta daquela magnífica obra da engenharia americana uma pequena republiqueta que vive sob a tutela da grande república norte-americana.

A Inglaterra poderá bem um dia resolver-se a proceder da mesma forma, se não preferir acabar de vez com a independência do Egipto, onde a vaga de um nacionalismo exaltado que aumenta de dia para dia não deixará de lhe criar sucessivos e cada vez mais sérios embaraços.

*
*
*

Esta questão do Egipto veio pôr à prova essa criação artificial da Sociedade das Nações, sociedade que no fim de contas só serve para proteger os interesses

das grandes nações e os das pequenas apenas enquanto não vão de encontro aos das grandes.

Apezar de ser uma criação americana produto de um cérebro eivado de um idealismo bíblico tão fora das realidades deste mundo sub-lunar, a própria América deu ao seu autor, o presidente Wilson, que Deus haja, o desprazer de se não mostrar conforme com os seus sonhos de estabelecimento de uma nova era de *democracia pacifista* e recusou sempre aderir ao pacto de Genebra.

A mensagem que o presidente Coolidge enviou ao Congresso é a este respeito particularmente interessante.

É com extremada clareza que o presidente dos Estados Unidos da América do Norte, falando em nome da Nação que representa, mais uma vez torna pública a sua recusa de entrar na Sociedade das Nações. O mais que a tal respeito elle concede é a sua aquiescência ao Supremo Tribunal Internacional, mas com a condição de que em caso algum a América possa ser arrastada para além do que ela queira! E o que ela quer, é claro, é a liberdade de tratar e resolver as questões conforme os seus interesses. A Inglaterra procede identicamente mas não tem a coragem de o declarar com tal simplicidade.

A Inglaterra teve sempre o cuidado de envolver os seus interesses num parlavreado habilidoso de geito a parecer sempre muito democrata e muito liberal, sem deixar de levar sempre a água ao seu moinho com a força e o egoísmo necessários.

O presidente Coolidge na sua mensagem ignora o pacto de Genebra e é talvez esta uma das razões que levaram a Inglaterra a repudiá-lo também. Este pacto destinado a provocar uma nova conferência de desarmamento, que devia completar a conferência do desarmamento naval celebrada em Washington, veio assim a ter o resultado contrário, de deferir para um futuro incerto e improvável a velha questão do desarmamento.

Coolidge mostra-se com efeito receoso de que o projecto da Sociedade das Nações não vá tolher a liberdade de movimentos dos Estados Unidos.

«Não quero,— diz elle —, enviar representantes meus a uma conferência que poderia examinar e tomar resoluções contrárias à liberdade que entendemos manter no que respeita aos negócios americanos».

Conclue-se que a única conferência que os Estados Unidos aceitariam seria aquela em que elles podessem dirigir e orientar os debates, como succedeu na de Washington. Fora disto, nada!

Em verdade a Inglaterra não é assim tão terminante nas suas declarações oficiais, onde a vontade de salvaguardar os interesses do Império se casa (tão harmoniosamente que ninguém fica chocado com a contradição) com a preocupação de diminuir o menos possível a aura de nação liberal e protectora dos oprimidos de que para efeitos externos se tem sempre sabido envolver nestes tempos de democracia.

Crónica Internaci
No entanto os seus jornais officiosos vão na esteira do mes em reconhecer que praticamente o protocolo de Genebra foi ser o confidente do Foreign Office,— o sentido do eufemismo diplomático em que, que o Governo britânico pediu ao honorable sir Eric Drummond, Secre-
Na questão do Egipto ainda Zaglou pachá pretendeu fazer com que a alto corpo tomasse conhecimento do assunto, mas a sua proposta foi repelida seguida a uma nota que a Inglaterra enviou a S. D. N. em que se lembrava q Egipto não fazia parte da Sociedade das Nações e que a sua intromissão naq assunto não seria bem vista pelo Gabinete de Londres. Altas providências tin com effeito trabalhado em tempos para que o Egipto não fôsse admitido na S. D. apear dos instantes pedidos de Zaglou pachá!
Pobre Sociedade das Nações!

A queda do gabinete Macdonald causou nos meios officiais frances grande desapontamento. Com a última vitória eleitoral de 11 de Maio, o r lismo francês tinha-se posto a par do trabalhismo inglês na tarefa de mais esquerdizar, democratizar ou desorganizar (que tudo é o mesmo!) a Europ rensi, o caminho ao Lenine que vier tomar conta de Paris, quando Mac sossobrou e desapareceu da scena política.

Nem por isso, no entanto, tem parado Herriot na sua tarefa. Sem nando para a esquerda, cada vez mais para a esquerda, Herriot, depois d a França dos últimos vestígios do poincarismo com a evacuação do Ruhr de se lançar corajosamente nos braços do comunismo, estabelecendo as com a Rússia dos soviets.

Um embaixador dos soviets, o famoso Krassine, a Paris, donde conta presidir à segunda e definitiva Comuna bolchevisação do mundo latino, segundo contam os hon É ainda cedo para julgar as conseqüências dêst notícia de certa gravidade, que indicam que uma ag tiva importância se está notando já na grande capit: É natural e o contrário é que seria para adn

No entanto os seus jornais officiosos vão na esteira dos americanos, unânimes em reconhecer que praticamente o protocolo de Genebra foi deitado ao cesto das coisas inúteis.

"Tal é pelo menos, em bom inglês,— diz o Daily Telegraph, que voltou a ser o confidente do Foreign Office,— o sentido do eufemismo diplomático empregado pela nota do Governo britânico... Por outras palavras é um adiamento sine die, que o Governo britânico pediu ao honorable sir Eric Drummond, Secretário geral da Sociedade das Nações".

Na questão do Egipto ainda Zagloul pachá pretendeu fazer com que aquêl alto corpo tomasse conhecimento do assunto, mas a sua proposta foi repelida em seguida a uma nota que a Inglaterra enviou à S. D. N. em que se lembrava que o Egipto não fazia parte da Sociedade das Nações e que a sua intromissão naquele assunto não seria bem vista pelo Gabinete de Londres. Altas providências tinham com efeito trabalhado em tempos para que o Egipto não fôsse admitido na S. D. N. apesar dos instantes pedidos de Zagloul pachá!

Pobre Sociedade das Nações!

*
* *

A queda do gabinete Macdonald causou nos meios officiais francezes um grande desapontamento. Com a última vitória eleitoral de 11 de Maio, o radicalismo francês tinha-se posto a par do trabalhismo inglês na tarefa de mais ainda *esquerdizar*, democratizar ou desorganizar (que tudo é o mesmo!) a Europa.

Andava Herriot todo afadigado nêsse trabalho, preparando qual outro Kerenski, o caminho ao Lenine que vier tomar conta de París, quando Macdonald sossobrou e desapareceu da scena política.

Nem por isso, no entanto, tem parado Herriot na sua tarefa. Sempre guiando *para a esquerda*, cada vez mais *para a esquerda*, Herriot, depois de limpar a França dos últimos vestígios do *poincarismo* com a evacuação do Ruhr, acabou de se lançar corajosamente nos braços do comunismo, estabelecendo as relações com a Rússia dos soviets.

Um embaixador dos soviets, o famoso Krassine, acaba de se instalar em París, donde conta presidir à segunda e definitiva Comuna que será o começo da bolchevisação do mundo latino, segundo contam os homens de Moscou.

É ainda cedo para julgar as consequências dêste acto que tão impensadamente a França fez ou deixou fazer. Os jornais dos últimos dias trouxeram-nos notícias de certa gravidade, que indicam que uma agitação revolucionária de relativa importância se está notando já na grande capital francesa.

É natural e o contrário é que seria para admirar.

Os liberais, os democratas são os naturais precursores do bolchevismo. Kerenski abriu as portas a Lenine. Herriot abri-las-á igualmente se não fizer marcha atrás.

É já interessante constatar o atrevimento, ou antes, a naturalidade com que o traidor Sadoul, aquele capitão francês que se passou para os soviets durante a guerra, se apresentou agora em França.

A sua prisão foi, é certo, levada a efeito no mesmo dia em que Krassine entrava em Paris; mas com uma tal *mise-en-scène*, que originou nos jornais nacionalistas a desconfiança de que aquela medida repressiva era para inglês ver, destinada a lançar poeira nos olhos do grande público. Alguns deixam entrever que uma questão Sadoul pode surgir, semelhante àquela que há anos agitou tanto a França e o mundo inteiro — a questão Dreyfus.

Suceda o que suceder, o que é inegável é que a França se está aproximando da Rússia dos soviets e até da Alemanha no momento em que a Inglaterra deu um pontapé naqueles e começa a arrepender-se de ter procurado com tanto afinho o levantamento económico da Alemanha, onde está resuscitando o concorrente comercial que já ali tinha antes da guerra.

Herriot segue assim passo a passo o antigo plano de Caillaux — aproximação económica e política com a Alemanha, isolamento da Inglaterra — pelo qual aquele político foi condenado durante a guerra, ao mesmo tempo que ajuda a vinda da futura Revolução, maior e mais terrível que a de 89, pela aliança não ainda política, mas decerto doutrinal, com os homens dos soviets, que procuram por todos os meios produzir a desorganização universal, na sequência dos planos expostos nos célebres *Protocolos de Sião*.

Sabido como por um lado o espírito francês é conservador e contrário ao regime bárbaro implantado em Moscou e como por outro, o ódio à Alemanha está ainda vivo e o estará por muito tempo, poderemos prever que a obra de Herriot há-de mais dia, menos dia levantar uma enorme reacção.

A grandes coisas, decerto, a nossa geração está ainda destinada a assistir naquele terreno de França, teatro de tão grandes acontecimentos e tragédias da história!

Como no mundo antigo os olhos se voltavam para Roma, as atenções do mundo moderno ainda se não desprenderam de Paris, onde se travará talvez mais depressa do que todos julgamos, a luta decisiva entre as chamadas *direitas e esquerdas*, entre a Ordem e a Revolução.



Crónica agrícola

Introdução

Por José Pequito Rebelo

No momento de assumir a responsabilidade desta nova acção de a *Nação Portuguesa* é preciso apresentar o programa da orientação que lhe presidia. Revista de intenção nacionalista e propagadora daquele nacionalismo — o mais alto que tem uma alma de cristianismo e uma aspiração superior de civilização, deve acolher e ventilar aqueles assuntos agrários que tocam interesses verdadeiramente gerais e não demagogos da elevação doutrinária e científica da recente colheção. Sendo o consórcio da terra com o território a substância da nação, deve preponderar no mesmo conceito à agricultura, que é a forma mais geral e mais característica deste consórcio. Lavrando a terra para colhar da terra, o lavrador exerce a maior parte da soberania humana na natureza porque é o ser mais racional e do reino animal e quanto da terra arde, que, tendo-lhe diminuído em espessura, se larga pelos continentes e em esvoaques e boréas a fertilidade dos meteoros, como se é fertilizante o beijo do sol.

De toda esta soberania e actividade saem frutos sociais, vem o alimento do povo e a subsistência essencial da civilização, além de muitas primas para muitos indolentes. Rei da natureza para bem do povo, o homem que lava a terra, portanto, é civilização um serviço mais alto e de mais interesse, com o pão, o valor

espiritual de uma boa influência de saúde e de equilíbrio social. Se as toxinas da civilização, os venenos do urbanismo são nocivos e destrutivos para a sociedade, é o *habitat* agrário que dia a dia fornece os antídotos da sua acção corrosiva.

No convívio das vidas inferiores, o homem recebe permanentemente uma lição de simplicidade e de humildade, de abandono a Deus e ao mesmo tempo de amor ao trabalho; o contacto das vidas inferiores, animais e vegetativas, desde que se considerem iluminadas pelo reflexo da divina criação, influe no homem para o libertar daquela orgulho da sua razão, daquele excesso da sua personalidade, que representa a decrepitude pecaminosa, a asfixia moral da civilização quando se encerra nos recintos do seu voluntário cativo.

Nas urbes tumultuosas predomina a voz da razão individual, anarquista e dissolvente; na largueza e na paz dos campos, pelo contrário, o tecido social prende amoravelmente o homem nas suas malhas, e é a *razão colectiva*, com a memória durável da tradição, e com a inteligência, a observação, a experiência e a imaginativa desenvolvidas pela mais educativa e poética das profissões, que governam as sociedades patriarcais que habitam ali. Se não repugna conceder às grandes metrópoles capitais, uma vez,